

Biografia do Abismo e o Estudo sobre Polarização Afetiva no Brasil

José Francelino Galdino Neto¹, Davi Gadelha² – Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

O presente texto procura apresentar uma resenha sobre o livro "Biografia do Abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil", do professor e cientista político, Felipe Nunes, e do jornalista e pesquisador, Thomas Traumann, publicado em 2023 no Brasil pela editora Harper Collins. O objetivo central do livro é apresentar o processo de calcificação política da sociedade brasileiro em torno de grupos polarizados em termos afetivos, algo inédito no processo político nacional. A partir da eleição presidencial de 1989, o Brasil gradualmente evoluiu de uma polarização partidária para uma polarização afetiva. Esse processo calcificou as diferenças entre os grupos sociais tanto na vida pública quanto na vida privada. Os autores defendem que esse tipo de polarização irá causar efeitos de longo prazo a política, a economia e a sociedade brasileira.

Palavras-chave: polarização afetiva, democracia, comportamento político.

¹ Professor de Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba. Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: netogaldino@servidor.uepb.edu.br.

² Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: davi.gadelha@aluno.uepb.edu.br.

O presente texto procura apresentar uma resenha sobre o livro “Biografia do Abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil”, do professor e cientista político, Felipe Nunes, e do jornalista e pesquisador, Thomas Traumann, publicado em 2023 no Brasil pela editora *Harper Collins*. O objetivo central do livro é apresentar o processo de calcificação política da sociedade brasileiro em torno de grupos polarizados em termos afetivos, algo inédito no processo político nacional. A partir da eleição presidencial de 1989, o Brasil gradualmente evoluiu de uma polarização partidária para uma polarização afetiva. Esse processo calcificou as diferenças entre os grupos sociais tanto na vida pública quanto na vida privada. Os autores defendem que esse tipo de polarização irá causar efeitos de longo prazo a política, a economia e a sociedade brasileira.

O livro foi influenciado pela repercussão de um artigo publicado pelos autores no jornal “O Globo” sobre a calcificação política ainda em 2022. A ideia do livro foi consolidada depois dos atos golpistas de 8 de Janeiro e a partir da necessidade de se realizar uma análise dos dez primeiros meses do governo Lula 3. Nunes e Traumann (2023) consideram as eleições de 2022 como a maior disputa da história política brasileira, e esse processo eleitoral produziu como resultado a consolidação polarização afetiva dentro da sociedade brasileira atual. A partir de dados coletados pelo Instituto de consultoria e pesquisas Quaest, chefiado por Felipe Nunes, os autores apresentam resultados importantes para a reflexão do cenário político brasileiro. Principalmente, após a vitória de Javier Milei na presidência da Argentina e da possível vitória de Donald Trump nos Estados Unidos da América em 2024. Portanto, parece que a polarização afetiva é uma realidade da política a nível global.

Mas o que seria polarização afetiva? Nunes e Traumann (2023) utilizam a definição de Shanto Iyengar et al., (2019) para entender esse processo como a divisão entre indivíduos ou grupos com diferentes ideologias políticas, mas que diferentemente da polarização ideológica, possui como foco as desavenças, uma vez que a polarização afetiva está interligada com aspectos psicológicos e emocionais. Isso resulta no desenvolvimento de profundos sentimentos negativos entre os indivíduos ou grupos ideologicamente e politicamente opostos. Em suma, a polarização afetiva faz com que os rivais políticos se interpretem como inimigos, no qual a oposição política não é vista como legítima e, portanto, não possui direito de sequer existir como projeto de desenvolvimento nacional.

O propósito do livro é explicar como se calcificou a intolerância política no Brasil e como o convívio com quem não concorda com sua opinião política virou um desafio para a sociedade, inclusive na vida privada. Segundo os autores, os líderes políticos desempenham um papel-chave nesse processo. Bolsonaro e Lula são os dois principais estimuladores dessa calcificação. A partir de alegoria metafórica, o Brasil polarizado encontrou-se com um abismo dentro da sua sociedade, materializada de forma crítica durante a tentativa golpista de 8 de janeiro de 2023, semelhante a reflexão escrita pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) e citada no livro por Nunes e Traumann (2023, p. 31): “Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne também um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha de volta para você”.

O livro apresenta uma linha do tempo fundamental para se entender o processo de transformação da polarização partidária, passando por polarização ideológica, e finalmente se calcificando no Brasil com polarização afetiva. Entre 1994 e 2006, PSDB e PT disputaram as eleições presidenciais com projetos políticos diferentes para o desenvolvimento do Brasil. Contudo, existia respeito e tolerância entre os grupos rivais. Outro fator importante corroborado pelos dados apresentados pelos autores é que nas vitórias presidenciais de Fernando Henrique Cardoso (1994 e 1998) e Lula (2002) não existia um padrão consolidado de votação entre regiões do Brasil ou entre grupos sociais.

Ambos ganharam basicamente em todos os recortes importantes dentro da literatura de eleições. Contudo, as eleições de 2006 são o momento-chave de mudança. A partir desse ano começa o processo de polarização ideológica e de divisão entre as regiões do Brasil. O nordeste começa a se tornar um reduto petista e as regiões centro-oeste e sul começam a se tornar anti-petistas.

Esse cenário se consolida definitivamente nas eleições de 2014. A grande inovação desse pleito foi o surgimento de Minas Gerais e Rio de Janeiro como *swing states*, em outras palavras, estados que definiriam a eleição, pois estes não estavam ideologicamente comprometidos como os outros. Assim, a derrota de Aécio Neves em Minas Gerais foi emblemática nesse processo. Em 2015, a pauta política e econômica perdeu espaço para discussões sobre gênero, religião e costumes. Temas que normalmente eram tratados na vida privada das pessoas se consolidam como grandes temas nacionais. Nesse cenário, o então deputado federal Jair Bolsonaro se apresenta como possível líder dessa nova direita brasileira. Assim, surge de fato a polarização afetiva no Brasil, pois esses grupos se tornam rivais não só políticos, mas inimigos existenciais. Nunes e Traumann (2023) propõem que o abismo afetivo que existe no Brasil atual pode ser enfrentado e combatido. Os autores procuram responder duas perguntas realizadas pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes, feita durante o julgamento dos indivíduos responsáveis pelo “8 de janeiro”: a) o que nós fizemos de errado para chegar a isso?; b) e, o que devemos fazer para evitar que isso se repita? (Nunes; Traumann, 2023, p. 204).

A primeira grande discussão apresentada no livro é sobre a “nova forma” de comunicação política, utilizada por diversos líderes ao longo do século XX, que começa a ser propagar com o Presidente estadunidense Theodore Roosevelt, que ficou no cargo entre 1901 a 1909, a utilização do rádio como um mecanismo de propagação ideológica. Algo também feito por Adolf Hitler na Alemanha Nazista. Nunes e Traumann (2023) recuperam o pensamento do politólogo francês Bernard Manin para explicar como os políticos podem apresentar suas ideias diretamente para as massas, sem intermédio de segundos, ideia denominada pelo autor de “Democracia de Público” (2023, p. 39). Essa foi a estratégia usada pôr em 2008 na campanha presidencial do democrata Barack Obama nos Estados Unidos. Obama realizou sua campanha de forma integralmente digital e com estratégias de comunicação política focadas em grupos sociais específicos alcançados diretamente pelo candidato através das plataformas digitais como Google e Facebook.

Assim, comprovando que a estratégia não possui ideologia, pouco tempo depois, Donald Trump, republicano e representante principal da extrema direita estadunidense, utilizou de ferramentas semelhantes para também chegar à Casa Branca em 2016. No Brasil, o Clá Bolsonaro realizou, influenciado por Trump, uma adaptação ao contexto político nacional e aplicou uma estratégia semelhante nas campanhas presidenciais de 2018 e 2022 nas redes sociais. A vitória de Bolsonaro em 2018 foi a primeira na história do Brasil a comprovar o poder das redes sociais dentro do processo eleitoral brasileiro (Nunes; Traumann, 2023).

Em estudo realizado pela Universidade de *Northwestern* (EUA) foi identificado que no Brasil os grupos de *WhatsApp* de direita produziram cerca de 16% a mais de encaminhamentos de cunho político durante a campanha presidencial de 2022 em comparação aos grupos de esquerda (Nunes; Traumann, 2023, p. 45). Dessa forma, segundo os autores, é possível afirmar que a utilização de redes sociais como Facebook e WhatsApp para Bolsonaro e seus apoiadores, foi uma estratégia de comunicação política que tinha por objetivo eliminar os gatekeepers tradicionais, a mídia tradicional brasileira, e estabelecer uma comunicação direta com as massas, como definido anteriormente por Manin. No qual, Jair Bolsonaro, e sua família, produziu um ecossistema de comunicação independente da produção midiática televisiva.

Uma via direta, sem intermediários. Criticamente, percebemos que os resultados das pesquisas de opinião pública apresentados ao longo do livro por Nunes e Traumann (2023) teve como principal objetivo demonstrar como os eleitores de Lula possuíam durante a eleição de 2022, um perfil mais ortodoxo na busca por informações sobre política, recorrendo à mídia tradicional. Em contrapartida, os eleitores bolsonaristas utilizavam mais as redes sociais como fonte de coleta de informações políticas, buscando o contato e orientações diretamente com seu líder e principais aliados (Nunes; Traumann, 2023, p. 52-54).

Com isso em mente, os autores apresentam proposições teóricas sobre a “Lógica do Algoritmo” presentes na obra do cientista político italiano Giuliano da Empoli (2019). O autor defende que o envolvimento político não é alcançado por meio de mensagens que promovam a coesão social, mas através das mensagens que despertam emoções intensas e, sobretudo, as negativas, como: o medo, o ressentimento e a aversão. Seguindo a lógica da polarização afetiva como definida por Iyengar et al., (2019). Complementar a essa ideia, os autores utilizam para explicar esse padrão de comportamento político, o conceito de “Viés de Confirmação” criado pelo psicólogo inglês Peter Wason. A ideia é que os indivíduos preferem acessar apenas informações que defendam sua ideologia, em outras palavras, a pessoa só demonstra interesse em buscar as informações em fontes que não contrariem suas convicções pessoais. A partir desses dois conceitos, os autores conseguem explicar as diferenças entre os eleitores de Lula e Bolsonaro no consumo dos meios de comunicação política utilizados durante a campanha presidencial de 2022 de acordo com a discussão feita a nível internacional sobre o tema (Nunes; Traumann, 2023, p. 55).

O resultado prático desse processo é o surgimento de um ecossistema comportamentalista de negação de outras fontes de informações. Nesse sentido, os indivíduos polarizados afetivamente interpretam as ações feitas pelo Poder Judiciário, no combate às possíveis Fake News, como uma forma de censura, na qual o bolsonarismo seria atacado pelas elites políticas tradicionais (Nunes; Traumann, 2023, p. 69). Como exemplo disso, os autores apresentam os resultados de Pereira et al., (2022), que a partir da “Teoria do Raciocínio Motivado”, demonstram que independente de as notícias serem falsas ou não, os eleitores no geral só aceitariam as ideias que corroboram com suas crenças, mesmo quando confrontados com a verdade. Ainda, segundo Oyserman e Dawson (2020): “A verdade dos fatos, tomados um a um, não importa. Verdadeira seria somente a mensagem no seu conjunto, que confirma o viés do eleitor” (Nunes; Traumann, 2023, p. 57).

O livro apresenta muitos dados originais feitos pela Quaest. Um dos mais instigantes foi coletado entre os meses de setembro e outubro de 2022. Nesse período foi constatado que a repulsa a um determinado candidato se consolidou como principal explicação do voto para presidente, criando assim, o que Nunes e Traumann (2023, p. 82-83) denominam como uma guerra de rejeição. Portanto, o que motiva o voto não é o afeto pelo candidato preferido, mas a antipatia e rejeição ao candidato de oposição. Nesse contexto político não é possível entender a eleição de 2022 sem utilizar o conceito de polarização afetiva, no qual a divisão entre os eleitores deixa de ser partidária ou de classe social e se calcifica como parte da identidade do indivíduo, gerando intolerância e evoluindo para um comportamento agressivo e irracional (Iyengar et al., 2019; Nunes; Traumann, 2023, p.135).

Os autores apresentam sua tese mais importante, a “Calcificação Política”, conceito importado dos Estados Unidos para descrever a atual conjuntura brasileira. Nunes e Traumann (2023, p. 142) definem a calcificação política como uma menor disposição de desertar do seu grupo, romper com seu candidato ou até votar no partido oposto, ou seja, um maior engessamento na polarização.

Em suma, o livro “Biografia do Abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil” se apresenta como uma leitura atual da política brasileira contemporânea. Os autores descrevem como a polarização partidária se tornou uma calcificação política, que produziu um abismo entre os dois grupos políticos mais influentes do Brasil. Os temas abordados no livro são de grande importância para a sociedade civil, pois apresenta de forma didática teorias acadêmicas e pesquisas sobre opinião pública, unindo teoria e prática. O texto detalha o que ocorreu (e ocorre) dentro das escolas, empresas e famílias, ambientes públicos e privados, nos quais não existe mais uma tolerância em pensar política, economia ou costumes de forma diferente. Os autores acreditam que grande parte da culpa está na forma de se fazer política no Brasil, especificamente na comunicação dos candidatos populistas, como foi o caso da última eleição disputada entre Bolsonaro e Lula. O texto traz uma fala da psiquiatra Maria Rita Kehl: “Líderes populistas manipulam a necessidade de eleger culpados, a quem acusar quando a barra pesa: Eu sofro: alguém deve ser responsabilizado por isso”.

Enfim, existe alternativa para acabar com a polarização afetiva no Brasil? Antes de mais nada é importante entender, que os autores deixam claro que a polarização partidária é saudável e ajuda no pleno funcionamento de uma democracia. O que não deveria continuar acontecendo é esse tipo de polarização afetiva afeta de forma determinante o convívio social, distorcendo a própria percepção da realidade por parte dos indivíduos, que aceitam com entusiasmo uma notícia falsa desde que seja em apoio ao seu candidato e/ou a sua visão de mundo. Por isso, Nunes e Traumann (2023) defendem a vigilância constante dos níveis de polarização afetiva na população Brasileira, buscando evitar níveis elevados que possam causar danos irreversíveis à nossa democracia, que já se encontra debilitada. A conclusão é que a polarização pode ser contida, mesmo que não seja um processo rápido. Logo, é de extrema importância, segundo os autores, que a democracia seja preservada e defendida, pois só assim teremos instituições mais transparentes, resultando em menos desvios de conduta, (Nunes; Traumann, 2023, p. 210). Dessa forma, poderíamos sair do abismo em que, infelizmente, nos encontramos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA EMPOLI, Giuliano. (2019), *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar as eleições*. São Paulo, Vestígio Editora.

IYENGAR, Shanto et al. (2019), “The Origins and Consequences of Affective Polarization in the United States”, *Annual Review of Political Science*, vol. 22, no. 1: 129-146.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. (2023), *Biografia do abismo: Como a polarização divide famílias desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora HarperCollins.

OYSERMAN, Daphna; DAWSON, Andrew. (2020), “Your Fake News, Our Facts”, in R. Greifeneder et al. (org.), *The Psychology of Fake News*, Londres, Routledge.

PEREIRA, Frederico et al. (2022), “Fake News, Fact Checking, and Partisanship: The Resilience of Rumors in the 2018 Brazilian Elections”, *The Journal of Politics*, vol. 84, no. 4: 2188–2201.